

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
CURSO CIÊNCIAS SOCIAIS

BEATRIZ MENEGHIM AUGUSTO

**ENTRE BRILHOS E DESAFIOS**

Um estudo sobre o trabalho domiciliar de mulheres na produção de joias folheadas em  
Limeira

São Carlos

2024

BEATRIZ MENEGHIM AUGUSTO

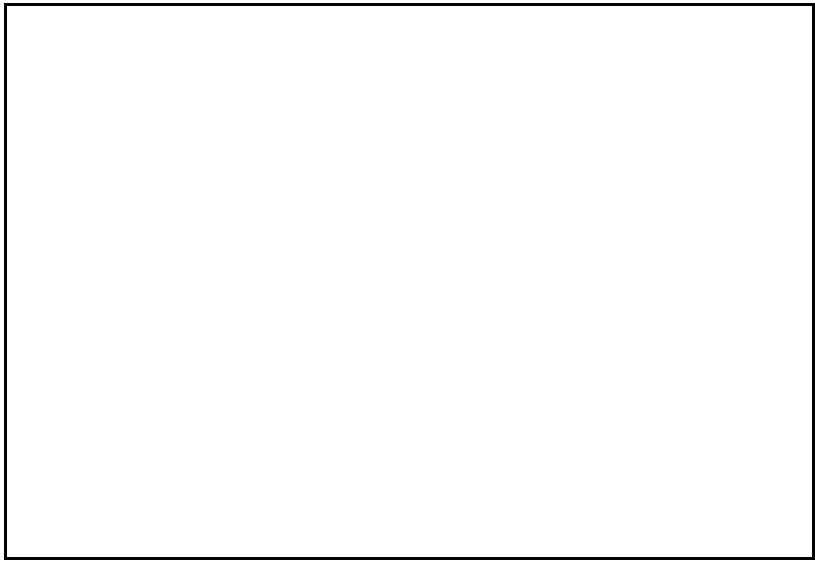
**ENTRE BRILHOS E DESAFIOS:**

Um estudo sobre o trabalho domiciliar de mulheres na produção de joias folheadas em  
Limeira

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em  
Ciências Sociais do Centro de Ciências  
Humanas da Universidade Federal de São  
Carlos como requisito para a obtenção do  
Título de Bacharel em Ciências Sociais  
Orientador: Prof. Dr. Felipe Rangel Martins

São Carlos

2024



BEATRIZ MENEGHIM AUGUSTO

**ENTRE BRILHOS E DESAFIOS:**

Um estudo sobre o trabalho domiciliar de mulheres na produção de joias folheadas em Limeira.

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

São Carlos, 13 de fevereiro de 2025.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Felipe Rangel Martins

**Orientador**

UFSCar

---

Janete Marlene Silva Rosales

**Membro da banca**

UFSCar

Este trabalho é dedicado às mulheres, que carregam em seus dias o peso dos afetos e das jornadas de trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Jamais teria chegado nessa etapa se não fosse uma imensa rede de apoio, cada um da sua maneira, ocupando espaços e afetos necessários para seguir o sonho de permanecer em uma universidade pública. Por isso, gostaria de agradecer meus pais, que mesmo, muitas vezes sem entender do que se tratava as Ciências Sociais, me deram condições de estar em São Carlos, sem faltar nada em momento algum.

Minha família como um todo, sempre esteve junto comigo nesse processo, minhas avós que foram as responsáveis por cuidarem de mim desde pequena e tenho o privilégio de tê-las ao meu lado ainda hoje, meus tios e tias que estavam sempre perguntando em que cidade eu estava pois queriam passar um tempo comigo. Em especial, gostaria de agradecer meu tio Miro, que me inseriu no mundo das trabalhadoras domiciliares de joia, me levando nas casas para fazer as entrevistas, sem ele esse trabalho não seria possível.

Ainda permeando os vínculos familiares, não posso deixar de lembrar da minha tia, que foi praticamente uma irmã, crescemos juntas, e ela era minha referência para tudo, infelizmente ela não vai ver essa etapa da graduação se encerrando, mas sei que se ainda estivesse aqui estaria torcendo por mim como sempre, obrigada por me dar forças ai de cima Duda, você estava em mim em todas as etapas dessa caminhada.

Ao meu companheiro de vida, que desde o primeiro ano de cursinho não me deixou desistir de fazer uma universidade pública, sempre mostrando como a educação é o bem mais valioso que temos. Tomáz, obrigada por estar ao meu lado em tantos momentos, sempre me fazendo ser melhor e amenizando as inseguranças da vida adulta, te amo.

Quando saímos de casa para uma nova experiência, é necessário criar uma nova rede, então quero agradecer imensamente meu amigo Igor, que desde o primeiro dia de calourada não saiu do meu lado, passamos uma pandemia conectados, voltamos ao presencial, e estamos finalizando ao mesmo tempo nossa graduação. Aos amigos que nunca negaram uma mesa de bar e boas risadas, obrigada Pessatti e Corretti, vocês foram respiros quando eu senti que estava me afogando.

E dos presentes que o estágio me deu, Milene e Nívea, em tão pouco tempo vocês ganharam meu coração e fizeram eu me sentir em casa, o trabalho foi mais leve com a companhia de vocês, obrigada. Tantos outros que estiveram presentes nessa trajetória e que de alguma maneira me ensinaram algo, obrigada Le Di Beo e Moutinho, que sempre estiveram dispostos a um tempinho de desabafos entre as aulas, foi essencial saber que podia contar com vocês nesses momentos.

Unido as amizades, tem um grupo muito especial que nem imagina como influenciaram na minha experiência universitária, Atletismo UFSCar, vocês me salvaram de um momento muito

turbulento da graduação, onde eu queria desistir e voltar pro meu lugar seguro, mas o compromisso com o próximo treino e a abertura que vocês deram me fez ficar e chegar até aqui, nunca foi só um esporte, muito obrigada time!

Outro projeto da UFSCar que me fez crescer e entender onde eu quero estar, foi o Cursinho Popular, dar aula me mostrou o que traz sentido para minha vida, espero permanecer nesse ambiente ensinando sempre da melhor maneira possível, formando não só candidatos para o vestibular, mas também pessoas que tenham senso crítico para olhar as diversas oportunidades da vida, obrigada pela oportunidade e ensinamentos ao longo dessa trajetória. Por fim gostaria de agradecer meu orientador Felipe Rangel, que topou desenvolver esse trabalho, sempre me apoiando e me ensinando sobre o fazer pesquisa, trazendo ideias com interesse e animação sobre o tema, Felipe obrigada pela proximidade e compromisso durante esse processo. Junto a ele que fez acontecer, é necessário lembrar e ser muito grata as mulheres que abriram as portas de suas casa, muitas em horário de trabalho, e se dispuseram a responder minhas questões, falar sobre suas vivências, afetos, trabalho e família.

Como eu disse, não há nenhum feito individual, tudo é trabalho conjunto de uma rede grande que dá amor, casa, carinho, faz um mercado, uma viagem para visitar, uma comida que tem gostinho de casa. Sou muito grata a todos que acompanharam essa etapa, vocês são essenciais para hoje eu ser quem sou e estar prestes a ser a primeira da família a se formar em uma universidade federal, mais uma vez, muito obrigada!

Nunca digam: Isso é natural.  
A fim de que nada passe por ser imutável.  
Sob o familiar, descubram o insólito.  
Sob o cotidiano, desvelem o inexplicável  
Que tudo que seja dito ser habitual  
Cause inquietação.

*A exceção e a regra*  
Bertolt Brecht

## RESUMO

Esse trabalho analisa a dinâmica produtiva do mercado de semijoias em Limeira-SP, com foco na trajetória de mulheres que trabalham em casa produzindo mercadorias, se mantendo pelas dinâmicas de informalidade, subcontratação e precariedade. A pesquisa aborda os aspectos históricos que consolidaram Limeira como a Capital Nacional da Joia Folheada e explora como o capitalismo contemporâneo e a flexibilização das relações de trabalho contribuíram para a desregulamentação e intensificação das desigualdades. Por meio de entrevistas, foram destacadas as percepções das trabalhadoras sobre suas ocupações e impactos que a combinação de cuidado e produção podem gerar ao sobrecarregar suas jornadas. A discussão utiliza de uma bibliografia concisa para integrar gênero, trabalho e cuidado. Concluindo que a lógica produtiva estudada, embora contribua para a competitividade do setor, perpetua a invisibilidade e exploração das trabalhadoras.

**Palavras-chave:** Trabalho domiciliar, gênero, informalidade, subcontratação, precariedade, cuidado, Limeira-SP

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the productive dynamics of the semi-jewelry market in Limeira-SP, focusing on the course of women who work at home producing goods, maintaining themselves through the dynamics of job informality, subcontracting and precariousness. This research looks at the historical aspects that have consolidated Limeira as the National Capital of Jewelry and explores how contemporary capitalism and the flexibilization of labor relations have contributed to the deregulation and the intensification of inequalities. Throughout interviews, the perceptions of the workers about their occupations and the impacts that the combination of care and production can have on overloading their working hours were highlighted. The discussion uses a concise bibliography to integrate gender, work and care. It concludes that the production logic studied, although it contributes to the sector's competitiveness, perpetuates the invisibility and exploitation of female workers.

**Keywords:** Household work, gender, informality, subcontracting, precariousness, care, Limeira-SP

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo de solda quente	31
Figura 2 – Instrumento de montagem improvisado para fechar argolinha	33
Figura 3 – Alicates e instrumento improvisado para produção	33
Figura 4 – Marcação na toalha de mesa para seguir o modelo	34
Figura 5 – Instrumento improvisado utilizado para técnica de furo	35
Figura 6 – Forma utilizada para concentrar os materiais de trabalho	36
Figura 7 – Mesa organizada com as peças e os instrumentos de colagem	37
Figura 8 – Estação de trabalho com instrumentos e peças	38

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Características gerais das entrevistadas

21

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	12
1.1 Flexibilização, Informalidade e Gênero	14
1.2 Metodologia de pesquisa	18
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE SEMIJOIAS EM LIMEIRA</b>	23
2.1 Arranjo Produtivo Local (APL) e como Limeira se encaixa	25
<b>3. DINÂMICAS DE SUBCONTRATAÇÃO E CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE TRABALHO</b>	28
3.1 Condições de trabalho: Improvisando espaços e ferramentas	30
<b>4. GÊNERO E TRABALHO: A TRAJETÓRIA FEMININA NA PRODUÇÃO DOMICILIAR DE SEMIJOIAS</b>	39
4.1 Entre a invisibilidade e o valor: Percepções sobre o trabalho	43
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	47
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	49

## 1. INTRODUÇÃO

Nascer e crescer em Limeira deixou resquícios em minha vivência que só percebi durante a graduação. No momento em que eu buscava um tema de pesquisa, um professor comentou sobre um colar que eu usava e sobre o mercado de joias da cidade que eu vinha. Comecei a contar uma história que nunca me impressionou, afinal era a minha história, mas ele viu ali um tema a ser explorado.

As primeiras lembranças da minha infância se passam no quintal das casas das minhas avós, onde eu passava a semana inteira. Na casa da minha avó paterna, meu pai e meu tio tinham uma pequena fábrica de joias chamada Beatriz Brutos, cujo nome, obviamente, não foi uma coincidência. Já na casa da minha outra avó, também no quintal, minha madrinha e meu outro tio mantinham uma fábrica semelhante, com a mesma dinâmica. Lembro dos meus tios fazendo diversas corridas de moto para levar peças soltas a casas em diferentes partes da cidade. Essas peças voltavam montadas e formavam colares, pulseiras, brincos, entre tantos outros produtos que seriam vendidos para lojas posteriormente. Lojas como a que minha mãe trabalhou por 25 anos, desde antes de eu nascer, que vendiam em grande quantidade as peças “no bruto”, ou seja, sem o acabamento do “banho”, momento em que a peça se torna uma semijoia, de acordo com a espessura da camada de ouro ou prata que passa por ela. A joia acaba se enraizando em quem nasce em Limeira. Antes dos 10 anos de idade, eu me lembro de brincar com as peças e criar modelos sem nem perceber que aquilo era o trabalho de alguém. Aos 18, comecei a trabalhar na fábrica dos meus tios ajudando nas montagens e embalando as peças. E hoje, aos 25, mesmo indo por um caminho completamente diferente, me vejo entrelaçada com a loja que minha mãe comprou depois de anos dentro desse mercado, e fazendo dessa realidade o tema deste trabalho.

O objetivo principal da pesquisa que apresento aqui foi investigar a realidade das trabalhadoras domiciliares no contexto do mercado de joias folheadas, que cresceu em Limeira a partir da década de 1960. Embora a história da cidade e os impactos da crise e da inflação nesse período sejam relevantes para contextualizar o cenário econômico, a pesquisa se concentra em como essas mudanças afetaram diretamente a vida e o trabalho dessas mulheres, que transformam seus lares em locais de produção para atender à demanda crescente do setor.

Com o aumento da produção de joias folheadas e o surgimento de empresas como a União Joias e a Irmãos Gullo, nos anos 60, essas trabalhadoras começaram a produzir, montar, cortar e soldar mercadorias em grandes quantidades, diretamente de suas casas. Esse trabalho domiciliar, que surgiu como resposta à necessidade de uma produção em massa a baixos custos,

se tornou central para a dinâmica econômica, especialmente no fornecimento de peças brutas e semijoias.

A pesquisa busca evidenciar como essa prática, marcada pela informalidade e precariedade, constitui a vida das trabalhadoras e sustenta esse mercado. A utilização de mão de obra feminina subcontratada nos espaços domésticos é característica dessa cadeia produtiva. Isso configura um campo empírico privilegiado para análise das dinâmicas que unem trabalho domiciliar, precário e feminino no Brasil contemporâneo.

Como hipóteses iniciais, projetei que, ao analisar o trabalho domiciliar feminino em Limeira, seria encontrado precariedade, desigualdade de gênero, ideais neoliberais influenciando essas práticas, e uma substantiva insatisfação das trabalhadoras para com essa realidade. Ao adentrar suas casas e suas dinâmicas diárias, a precariedade do trabalho - em termos de condições de exercício da atividade, renda e direitos - mostrou-se, de fato, evidente. A hipótese também se fez firme no que se refere à desigualdade nas relações de gênero. No entanto, a análise identificou que as previstas insatisfações com o trabalho são relativizadas pelas trabalhadoras, frente à solidão do ambiente doméstico, aos papéis de gênero socialmente imposto a elas, e às dificuldades percebidas em outras possibilidades de trabalho. Foram repetidos os relatos de que elas preferem fazer joia em casa do que ficar desocupadas, tratando, em alguns momentos, a ocupação como um *hobbie*. Em vez de atenuar analiticamente o caráter de precariedade, reconhecer o modo como as vulnerabilidades são experimentadas e percebidas nessa produção domiciliar permite complexificar a discussão sobre trabalho precário, no cruzamento com experiências de desigualdade de gênero, tal como abordarei ao longo dos capítulos desta monografia.

O trabalho será dividido em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Primeiramente, reconstruirei a história do município e da indústria de semijoias de Limeira, desde sua criação e aparecimento dos primeiros fabricantes, apresentando dados quantitativos atuais que caracterizam a economia da cidade. O segundo capítulo será dedicado à descrição e análise dos processos de subcontratação e das condições do trabalho nas oficinas domiciliares. Para isso, mobilizarei o material das entrevistas realizadas com as trabalhadoras, destacando informações sobre o perfil das trabalhadoras, renda, e suas percepções sobre a rotina de trabalho que se entrelaça com a vida pessoal. Apresentarei também registros da observação empírica dos espaços de trabalho e instrumentos improvisados utilizados na fabricação. E por

fim, a temática de gênero será tratada no terceiro capítulo, refletindo sobre as razões para a entrada nessa ocupação, relacionando com as demandas do cuidado destinadas às mulheres, em que o discurso se sustenta tanto na valorização de dar conta tanto da casa, filhos e marido, quanto do próprio trabalho que garante uma renda extra para a família, apesar de subestimado pelas próprias trabalhadoras e pelo coletivo doméstico.

### **1.1 Flexibilização, Informalidade e Gênero**

As transformações do trabalho, marcadas pela flexibilização e pelo crescimento da informalidade, têm impactos profundos nas relações de gênero e nas dinâmicas produtivas. A análise desse cenário exige uma abordagem que relacione o contexto global às particularidades brasileiras, considerando como essas dimensões se entrelaçam na produção de semijoias em Limeira, especialmente no contexto das trabalhadoras domiciliares.

David Harvey, em sua obra “Condição Pós-Moderna”, principalmente no capítulo sobre “Acumulação Flexível”, aborda as mudanças econômicas globais a partir da década de 1970. Nesse momento, o capitalismo sofre uma crise marcada pelos desafios do modelo de acumulação, que já não correspondia às necessidades dos mercados e das empresas. A fim de superar essa crise, a descentralização, flexibilidade e mobilidade da produção ganham forças. Gerando um paradoxo, pois dessa maneira, era possível aumentar a autonomia do capital, porém trazia à tona a precariedade e a perda de segurança dos trabalhadores.

A flexibilização, aparece não só como estratégia econômica, mas também como uma transformação cultural, redesenhando o mundo do trabalho. Nesse novo momento, a busca por trabalhadores flexíveis, incentivo ao empreendedorismo e o aumento das atividades informais, passam a ser vistos como estratégias economicamente lucrativas. No entanto, intensificaram-se os riscos, sobretudo para os trabalhadores, colocando-os em maior situação de vulnerabilidade, sujeitos a contratos e condições de trabalhos incertos e informais.

Estou, portanto, tentando ver a flexibilidade conseguida na produção, nos mercados de trabalho e no consumo antes como um resultado da busca de soluções financeiras para as tendências de crise do capitalismo do que o contrário. Isso implicaria que o sistema financeiro alcançou um grau de autonomia diante da produção real sem

precedentes na história do capitalismo, levando este último a uma era de riscos financeiros igualmente inéditos. (HARVEY, 1992, p. 181)

Tais “riscos financeiros igualmente inéditos”, que preocupavam Harvey, podem ser ligados a ideia desse sistema de que cada trabalhador é responsável pelo seu próprio sucesso, enquanto remove a proteção e os direitos, levando ao aumento da precariedade. Dardot e Laval (2014) aprofundam essa crítica ao destacar que o neoliberalismo ultrapassa os limites de uma política econômica. Se tornando um modelo de governar, mas também cria uma forma de existência. Segundo os autores, a lógica neoliberal impõe a concorrência como norma de conduta e as empresas como modelo a ser alcançado, transformando indivíduos em unidades de produção autônomas que se autoavaliam, e conseqüentemente internalizam responsabilidades que antes eram coletivas. Criando assim, o trabalhador precarizado, que enfrenta instabilidade econômica, mas também sente a constante pressão de lidar e se responsabilizar pelas falhas estruturais do sistema capitalista.

Adentrando em como essas transformações atingiram o Brasil, Jacob Carlos Lima (2010), analisa a consolidação da “Cultura do trabalho flexível”, incorporando a individualização, autonomia e empreendedorismo como possibilidade de sucesso. Ele observa como nos anos 1990, o Brasil incentiva práticas que individualizam as relações de trabalho, reduzem a força dos sindicatos e enfraquecem as conquistas coletivas. Porém as razões disso estão nas transformações mundiais, e que já estavam surtindo efeito no país, anos antes.

No Brasil, a flexibilização da legislação trabalhista começou com a implantação do FGTS em 1966, que eliminou a obrigatoriedade de a empresa pagar uma indenização por demissões. Contrariamente, com a legislação de alguns países europeus, a empresa não precisa consultar os sindicatos quando vai realizar cortes, o que desonera sua formalização. (CAMARGO, 1996 *apud* LIMA, 2010, p. 176)

Ainda percorrendo os momentos históricos do Brasil, o autor cita a crise dos anos 1970, que foi o momento crucial para o avanço das políticas neoliberais, junto à revolução tecnológica e da informação. Fazendo com que a cultura do trabalho assalariado fosse questionada, o resultado foi que grandes fábricas deram lugar a unidades menores, gerando dispersão territorial (LIMA, 2010, p. 185-186). Novamente, afirmando esse desmembramento da classe e a enfraquecendo.

A informalidade passa a ser sentida como uma condição transitória pelos trabalhadores. Sendo uma opção tentadora principalmente pelas mulheres, que poderiam assim, trabalhar em casa conforme a idade dos filhos, ou um momento eventual delimitado por um tempo, sendo o trabalho formal e a carteira assinada, ainda um desejo dessa época (LIMA, 2010, p. 186-187). Porém, chegando aos anos 1990, a possibilidade de trabalhar por conta própria, e o crescimento dos pequenos negócios, torna-se política de estado, dando apoio e formalizando as pequenas empresas. No entanto, por trás dessas iniciativas a lógica da precariedade estrutural não se elimina, mas ressignifica o trabalho informal, ligando-o a ideia do empreendedorismo individual. Esse movimento chamado de “nova informalidade” amplia as análises sobre o trabalho sem regulamentação, mostrando que ao invés de desaparecer, a informalidade se adaptou às dinâmicas contemporâneas de trabalho. Assim, o discurso do empreendedor passa a ser parte essencial da engrenagem produtiva, colocando a responsabilidade das condições de trabalho do sistema, nos próprios indivíduos (RANGEL, 2015).

Buscando incentivar o “espírito empreendedor” e formalizando pequenas empresas, um exemplo desse momento são os “Arranjos Produtivos Locais”, a ideia aparece com o intuito de reduzir a informalidade, fazendo políticas de incentivos fiscais e redução de impostos (LIMA, 2010, p. 187-188).

Entretanto, embora afirmem preferir o trabalho autônomo, esses trabalhadores se ressentem dos “direitos” do assalariamento, uma segurança mais virtual do que real a que nunca tiveram acesso. Esses distritos largamente informalizados e existentes em diversas regiões do país, terminaram por se beneficiar da reestruturação industrial, por produzir a custos baixos, competindo muitas vezes com os produtos “chineses” considerados imbatíveis. (LIMA, 2010, p. 187-188)

A partir do trabalho de Lima (2010), é possível identificar a proximidade dessas mudanças com a cidade de Limeira, que se tornou um APL em 2012, buscando essa tendência da formalização de pequenas empresas, incentivando o empreendedorismo.

E também, é notório que há uma questão de gênero quando se trata da oportunidade de um trabalho informal. Diante disso, a literatura sobre cuidado e divisão sexual do trabalho é necessária para chegar no objeto da pesquisa que são as mulheres trabalhadoras domiciliares que produzem peças de semijoias em Limeira.

Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) trazem a seguinte definição sobre a “divisão sexual do trabalho”:

O termo “divisão sexual do trabalho” aplica-se na França a duas acepções de conteúdos distintos. Trata-se, de um lado, de uma acepção sociográfica: estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos.

(HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 596)

Fica notável que o trabalho produtivo (remunerado e de maior prestígio social) é historicamente associado aos homens, enquanto o trabalho reprodutivo (cuidado e atividades domésticas) fica por conta das mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599). Tal divisão permanece no mercado de trabalho, resultando na desvalorização do trabalho feminino, ainda mais em atividades informais e domiciliares, como é o caso das trabalhadoras de Limeira que produzem peças em suas casas.

Focando no mercado de trabalho, Marcia Leite (2015), escreve sobre como as mulheres são frequentemente contratadas em atividades de baixa remuneração e de maior precariedade (serviços domésticos, saúde e educação). No setor informal, essa situação é agravada pela falta de direitos e estabilidade, mas que acaba sendo necessário para as mulheres, pois precisam optar pelo trabalho informal a fim de conciliar demandas do lar e da família.

As tensões entre a vida profissional e familiar restringem as opções disponíveis às mulheres, pois as obrigam a optar entre emprego e cuidados com a família, colocando-as na inatividade ou obrigando-as a combiná-los com trabalhos informais ou de tempo parcial, precários e mal remunerados, afetando seriamente a qualidade de seus empregos. (LEITE, 2015, p. 52)

Ainda sobre a conciliação dessa jornada dupla, Nadya Guimarães, descreve sobre a sobrecarga das mulheres que precisam encontrar o equilíbrio entre trabalho remunerado e o cuidado. São vários fatores que agravam essa situação, mas principalmente a relutância dos homens em cumprir papéis de cuidado não pagos e o aumento das mulheres dentro do trabalho remunerado (GUIMARÃES, 2024, p. 1-22). Os afazeres domésticos, ainda é visto como “nada mais que uma obrigação” sendo invisibilizado e naturalizado ao papel social das mulheres, marcando

tanto as “esposas” com essa carga, mas também as “meninas” (filhas, irmãs, sobrinhas, netas.) que desde cedo recebem tais responsabilidades (GUIMARÃES, 2024, p. 4-22).

Diante dessa discussão e contribuição dos autores, fica evidente que o mercado de semijoias em Limeira, e o trabalho domiciliar feminino que o compõem, é mais que uma atividade econômica. Sendo ele, parte de uma estrutura que reforça desigualdades de gênero. Enfrentando uma jornada dupla reforçada pela precariedade do trabalho, a inserção nessa ocupação reflete as limitações impostas pela divisão sexual do trabalho. Evidenciando que o trabalho domiciliar, para além de mera inserção produtiva, perpetua a vulnerabilidade e dependência econômica de diversas mulheres.

## **1.2 Metodologia de pesquisa**

A metodologia adotada foi escolhida com base nas características do objeto de estudo e no que foi encontrando em campo. A princípio foram definidas entrevistas semiestruturadas a fim de coletar dados e traçar trajetórias de mulheres que vivenciam o trabalho domiciliar no mercado de joias folheadas em Limeira. A entrevista foi dividida em eixos, primeiramente coletando informações socioeconômicas, e depois caminhando para as percepções sobre o trabalho domiciliar, explorando também como as trabalhadoras adquiriram as habilidades necessárias para a produção, questões de autonomia e flexibilidade, condições do trabalho, impactos econômicos e sociais e, por fim, perspectivas futuras. A realização das entrevistas seguiu o sistema “Bola de Neve”<sup>1</sup>, um tipo de amostragem não probabilística, em que os participantes são selecionados por meio de cadeias de referência. Embora não seja possível calcular a probabilidade, esse método é útil para acessar grupos difíceis de serem alcançados (VINUTO, 2014). Assim, foi possível realizar nove entrevistas, algumas com mais detalhes e abertura das mulheres para conversar e estabelecer laços, e outras mais “travadas” e curtas, sendo encontrada dificuldade principalmente no primeiro contato.

Para conseguir acessar as interlocutoras da pesquisa, foi essencial que meu tio, fabricante e contratante de algumas entrevistadas, intermediasse o contato com elas. Mesmo assim, houve certa estranheza por parte delas com a ideia de serem ouvidas. Uma das entrevistadas me relatou que achou que era algum tipo de golpe de WhatsApp, e só me respondeu quando confirmou

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre a metodologia “Bola de Neve” ver Vinuto (2014)

com meu tio que a proposta era real. Mesmo eu me apresentando como estudante da UFSCar, dizendo quem passou o contato e tentando apresentar a ideia da pesquisa de maneira clara e menos acadêmica, foi um desafio conseguir as primeiras entrevistas. As outras se tornaram mais acessíveis quando uma entrevistada me indicava a alguma conhecida e explicava o intuito da minha visita.

Durante a preparação para as entrevistas, sempre aparecia um sentimento de tensão, primeiro buscando no GPS a localização da casa, que em sua maioria eram em bairros afastados dos quais eu não tinha muito contato. Acabava sempre perguntando para conhecidos se era seguro, e se eu poderia ir sozinha sem grandes problemas. A chegada era sempre com estranheza e certo receio por parte das trabalhadoras, que muitas vezes já me recebiam falando que não tinham muito estudo e por isso podiam não saber responder às questões. Eu tentava acalmá-las dizendo que eram perguntas sobre o dia a dia delas, e não tinha uma resposta certa.

Em determinado momento da pesquisa, percebi que seria interessante encontrar mulheres mais jovens realizando o mesmo trabalho, visto que todas as minhas entrevistadas tinham mais de 40 anos. Este foi um desafio que acabou se tornando um dado de pesquisa. Ainda que a pesquisa realizada não permita generalizações, o fato de eu não ter encontrado mulheres mais jovens evidencia mais uma característica desta ocupação, que acaba sendo ocupado por mulheres que já estão aposentadas, ou como muitas relataram, que acreditam não ter mais idade para iniciar uma carreira, pois passaram a vida cuidando das dinâmicas práticas e afetivas da casa.

Porém, mesmo a maioria delas descrevendo que o trabalho ajuda tanto na renda como na saúde mental, foi essencial inserir essas percepções emergentes da pesquisa empírica no debate da literatura sobre o tema, que permitiu elaborar uma análise crítica a essas situações. Trata-se de um espaço de precariedade, informalidade, muitas vezes perigoso, em que muitas improvisam instrumentos, e trabalham com técnicas que levam fogo e gás para dentro das residências sem supervisão ou legislação adequada. Por isso foi essencial a bibliografia que irá sustentar também as discussões de gênero, cuidado e percepções sobre a produção domiciliar ao decorrer deste trabalho.

Para exemplificar como foram realizadas as entrevistas, irei relatar um pouco sobre a entrevista de Viviane, que foi uma das mais desafiadoras. Viviane é uma mulher de 41 anos, mas que, pela aparência de cansaço e desânimo, aparenta ter mais idade. É mãe de dois filhos adolescentes, casada e trabalhava em média de 8 a 9 horas por dia, sentada em uma mesa na sua garagem,

que, por sua vez, não tinha uma boa iluminação. A chegada em sua casa foi quase que de surpresa, marcamos um horário, mas antes de ir eu liguei para confirmar, e ela não me atendeu. Como não estava sendo fácil encontrar trabalhadoras dispostas a fazer as entrevistas, decidi ir mesmo com o risco de perder a viagem.

Quando apertei a campainha ela demorou para atender, mas tinha dois cachorros latindo muito, então ela apareceu e disse que tinha perdido hora e havia dormido mais que o esperado, importante ressaltar que ainda eram por volta das 9 horas da manhã, mas considerado tarde para ela que costuma levantar antes das 6 horas. Decidimos o local onde iríamos conversar, que foi na própria mesa de trabalho dela, que estava cheia de peças e instrumentos que ela usava. Pedi para gravar a entrevista e com a autorização dela, começamos. Porém Viviane falava muito baixo, quase como um sussurro, senti que ela estava com certo receio de falar errado, ou de não atingir as expectativas do meu trabalho. Seu marido apareceu em determinado momento, e gerou um clima de tensão, ela ficou com mais vergonha ainda, falando ainda mais baixo. No geral a casa dela era simples, as paredes não tinham pintura, o pouco que vi da sala eram móveis antigos e porta retratos da família.

Por fim, mesmo com todos os receios a entrevista correu bem, Viviane contou da sua trajetória e explicou como fazia seu trabalho. Esse receio que senti nela e em mim também aconteceu em praticamente todas as entrevistas, afinal, estava entrando não apenas no espaço de trabalho, mas também no lar delas. Algumas trabalhadoras, no entanto, quebravam essa sensação, seja oferecendo um café ou rindo ao falar que não estava entendendo o que eu queria, pediam para explicar melhor. Mas outras, como Viviane, se mantiveram mais fechadas e receosas durante toda a entrevista.

Por fim, importante registrar que foi decidido dar nome fictício a todas as entrevistadas, visando a proteção de suas identidades. Na tabela a seguir, apresento sinteticamente algumas características das interlocutoras da pesquisa:

**Tabela 1**

Características gerais das entrevistadas

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	QUANT. DE FILHOS	OCUPAÇÃO
Daniele	55 anos	8° série	Não tem filhos	Montagem, colagem, corte, cravação, embalagem e tarraxa
Natália	57 anos	7° série	2 filhos	Solda quente <sup>2</sup>
Olívia	53 anos	4° série	3 filhos	Montagem <sup>3</sup>
Rita	52 anos	4° série	1 filha e 1 neta que ela cuida	Montagem e solda
Rafaela	48 anos	Ensino médio incompleto	1 filho e 1 neta que ela cuida	Cravação na cera <sup>4</sup>
Silvia	60 anos	7° série	1 filho	Montagem, corte e furo <sup>5</sup>
Vitória	49 anos	Ensino fundamental incompleto	4 filhos	Montagem, solda quente e fria <sup>6</sup>
Viviane	41 anos	2° colegial	2 filhos	Montagem, castroagem <sup>7</sup> e cravação <sup>8</sup>

<sup>2</sup> A solda quente é um processo utilizado na fabricação de joias para grudar peças de metal. É necessário usar um maçarico para aquecer as partes que serão unidas e aplicar uma liga metálica (solda), que ao derreter vai criar uma camada sólida entre as partes.

<sup>3</sup> A montagem envolve a união de peças individuais, como correntes, pingentes e fechos, usando ferramentas como alicates e pinças.

<sup>4</sup> A cravação na cera é uma técnica em que as pedras são organizadas em um molde de cera antes de serem fundidas.

<sup>5</sup> A técnica de furo envolve a perfuração manual dos elos para fixar pingentes ou pedras, ou ainda no caso dos terços, é utilizada para determinar o limite das miçangas colocadas.

<sup>6</sup> A solda fria une metais com a utilização de menos calor, é ideal em reparos simples pois sua resistência é inferior à solda quente

<sup>7</sup> A castroagem é uma técnica manual que consiste em interligar pedras, pérolas e cristais com um fio de metal para montar pulseiras, colares e brincos.

<sup>8</sup> A cravação é a fixação de pedras em uma peça. Normalmente é feita a cravação em garra, que as pedras ficam fixadas por pequenos pinos de metal.

Verônica	40 anos	Terminando o 3º colegial	2 filhos	Montagem, castroagem e cravação
----------	---------	-----------------------------	----------	---------------------------------------

Fonte: Elaboração própria <sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> O recorte de raça não foi aprofundado nesta pesquisa porque exigiria um aprofundamento teórico-metodológico que os limites e principalmente o tempo de entrega do trabalho de conclusão de curso não permitiram. No entanto, esse aspecto pode ser retomado e melhor desenvolvido em uma continuidade futura da pesquisa. Além disso, quando a autodeclaração racial foi levantada nas entrevistas, algumas mulheres demonstraram certo incômodo em responder. Visualmente, os dados também se mostraram plurais, sem que houvesse uma predominância clara entre os perfis raciais das entrevistadas — o que fez com que esse aspecto não se destacasse durante o trabalho de campo.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE SEMIJOIAS EM LIMEIRA

O município de Limeira, localizado a 154 km da cidade de São Paulo, destaca-se pela posição estratégica do território, com uma área de 597 km<sup>2</sup>, contando com os encontros rodoferroviários, atravessada pelas vias Anhanguera, Bandeirantes, Washington Luiz, Limeira-Piracicaba, Limeira-Mogi-Mirim e FEPASA, e ao lado de outras grandes infraestruturas de transporte, sobretudo o Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas. Observa-se, então, a conjunção de infraestruturas de mobilidade importantes para a sustentação da presença de um dinamismo econômico e de um parque industrial diversificado (PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA, 1998b; ALVIM et al., 2005).

A cidade começa a se destacar no setor de joias a partir da década de 1930, quando o ourives de Portugal, João Martins Cardoso, se estabelece no Brasil. Seu filho, Eduardo Urbano Cardoso, desempenhou papel importante na expansão dos negócios, fundando a primeira fábrica de joias na cidade, após a morte de seu pai em 1945. A Empresa Cardoso chegou a ter mais de 100 funcionários, possuindo escritórios em São Paulo e no Rio de Janeiro (HENFLING JUNIOR, 2021).

Com a crise econômica e política que chega ao Brasil na década de 1960, o setor de joias é afetado diretamente, principalmente por ser um artigo de luxo, e não um produto essencial. O aumento do preço do ouro força a diminuição da quantidade de quilates nas joias, levando ao declínio do mercado. Porém, é nesse momento que aparecem as joias folheadas, com a proposta de serem muito parecidas com as peças de ouro, com alta qualidade, e mais baratas. Elas são feitas com uma base de latão e uma fina camada de ouro, ou de metais nobres, trazendo uma nova dinâmica ao setor.

Essas joias mais acessíveis economicamente, tornam-se o foco da produção da cidade de Limeira, estimulando à criação de novas empresas, como a União Joias e a Irmãos Gullo. Ambas foram essenciais para o desenvolvimento do setor, servindo como modelos pioneiros, inspirando o surgimento de outras empresas que ainda hoje estão no mercado. A primeira, apesar de ter encerrado suas atividades, deixou um legado importante para a indústria da cidade. Por outro lado, a Irmãos Gullo, continua em operação, sendo uma das mais antigas do setor, mantendo-se relevante até os dias atuais.

As novelas a partir dos anos 1980 foram fonte de inspiração para diversos modelos de produtos presentes na produção limeirense (HENFLING JUNIOR, 2021). Mais recentemente, as influenciadoras digitais<sup>10</sup>, aceleraram a demanda por novos modelos. Esses fatores fizeram com que as fábricas de Limeira tivessem que se adaptar a lançar novidades constantemente, o que muda o ritmo da escala produtiva.

Apesar da crise e dos desafios de se reinventar ao longo do tempo, o setor de joias folheadas permanece vigoroso na cidade. No fim da década de 1990, a cidade se consolidou como um Arranjo Produtivo Local (APL), sendo importante para fortalecer o setor diante da concorrência, principalmente externa. A oficialização da organização da produção local nesse modelo se deu em 2012, com o trabalho do Sindijoias (Sindicato da Indústria de Joalheria, Bijuterias e Lapidação de Gemas do estado de São Paulo). Hoje, Limeira tem em torno de 450 empresas formalizadas e mais de 20 mil empregos gerados, o mercado é responsável por 60% da produção nacional de joias folheadas, atendendo o mercado interno e externo (REQUENA, 2006).

Através da Lei nº 13.610, sancionada em 2018, Limeira recebeu o reconhecimento de Capital Nacional da Joia Folheada. (MACHADO JÚNIOR et al., 2023). Esse título também é parte do esforço da organização de feiras como a ALJOIAS (Feira Internacional de Jóias Folheada), que desde 2002, tem em suas edições a união de diversas empresas das diferentes etapas do processo de produção. Desde os fabricantes, até os lojistas, e conectando assim, esses a outros fornecedores e compradores. Ao consolidar um evento de negócios e cooperação de empresários limeirenses, a ALJOIAS pode ser considerada um ponto chave para Limeira se afirmar no mercado. Esse reconhecimento trouxe para a cidade a notoriedade de ser o principal polo de produção de joias folheadas do Brasil, e, como mencionado, muito forte também no cenário mundial.

O título consolida um processo iniciado há décadas, e que transpassou crises e diversos desafios que fizeram o mercado se reinventar, reforçando a posição da cidade como centro de inovação e produção em massa. Além da quantidade expressiva da produção, é observado a qualidade e o design diferenciado das peças fabricadas na cidade, atraindo compradores de diversos locais do Brasil.

---

<sup>10</sup>As influenciadoras ao usar algumas peças de joia, trazem a tendência para as lojas que pedem para as fábricas copiarem ou fazerem um modelo muito parecido.

Para trazer a memória desse momento muito comemorado na cidade, alguns recortes de jornais que destacam a importância do título:

## Aprovado no Senado projeto que torna Limeira Capital Nacional da Joia Folheada

Texto segue para sanção da Presidência da República. Município é responsável por 70% da produção do setor no país, segundo associação.

Por G1 Piracicaba e Região

12/12/2017 20h23 · Atualizado há 6 anos

Fonte: [Aprovado no Senado projeto que torna Limeira Capital Nacional da Joia Folheada | Piracicaba e Região | G1](#)

## Lei é sancionada e concede título de Capital Nacional da Joia Folheada para Limeira

POR **REDAÇÃO RÁPIDO NO AR** — 12 de janeiro de 2018 no Limeira Tempo de leitura: 2 mins

Para o deputado, trata-se de um fato bastante positivo e histórico para a cidade. “É um sonho realizado. Estou muito feliz por conseguir transformar esta proposta em uma lei federal. É um fato histórico. O setor de joias folheadas é a nossa grande vocação econômica. O reconhecimento oficial do estado brasileiro sobre a nossa principal atividade econômica, ajuda a impulsionar o turismo de negócios em nossa comunidade. O título é uma ferramenta de marketing importante para quem emprega e também é uma boa notícia para os trabalhadores do setor”.

Fonte: [Lei é sancionada e concede título de Capital Nacional da Joia Folheada para Limeira - Rápido no Ar](#)

### 2.1 Arranjo Produtivo Local (APL) e como Limeira se encaixa

Arranjo Produtivo Local (APL) pode ser definido territorialmente como uma aglomeração de empresas de um mesmo setor em uma região específica. Porém, essas empresas devem ser integradas entre si, ou seja, haver uma dependência, cooperação e também conversar com outras instituições, como universidades, associações, fornecedores e instituições governamentais.

Os estudos dos distritos industriais da chamada Terceira Itália, embasam tal definição de APL, se destacando a partir dos anos 1970. Em que o foco está para além de uma organização sobre proximidade territorial, evidenciando que uma APL é formada por uma dimensão

socioeconômica das redes de empresas. Giacomino Becattini observa que se cria uma “atmosfera industrial”, envolvendo uma “moralidade comercial” e cultura de compartilhamento de conhecimentos entre as empresas (DERRIDA; PAES, 2018).

Essa diversidade de atores se fortalece ao estabelecer laços, fazendo com que haja competitividade e uma otimização da produção, obtendo vantagens que sozinhos seriam difíceis de alcançar.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2004) definiu APL como uma “(...) empresas que se relacionam são, em geral, fornecedores especializados, universidades, associações de classe, instituições governamentais e outras organizações que provêm educação, informação, conhecimento e/ou apoio técnico e entretenimento” (MACHADO JÚNIOR et al., 2023)

Olhando para o território de estudo, Limeira se consolida como APL no setor de semijoias no fim da década de 1990, pois nesse momento as empresas da cidade começam a reagir aos crescentes produtos internacionais que vinham ganhando espaço no mercado, principalmente de países como China e Coreia do Sul. Observando os benefícios que o sistema de APL traria para o mercado, fortalecendo a produção e agregando mais valor às peças, podendo assim competir com o mercado internacional, a cidade passa a se abrir à ideia.

A formalização deste credenciamento se deu apenas em 2012, com os esforços do Sindijoias. Após esse momento, as exportações aumentam, em países da América Latina, como Colômbia e Venezuela. Mas também em alguns países africanos e nos Estados Unidos, sendo Miami um expressivo comprador (REQUENA, 2006).

As conexões do APL de Limeira, para além de criar teias entre empresas, também é responsável por promover colaboração entre fornecedores, instituições de ensino e treinamentos, como o SENAI, que oferece diversos cursos de profissionalização que qualificam a mão de obra local (HENFLING JUNIOR, 2021). O resultado disso é uma melhora nos processos de produção e incorporação de tecnologias, aumentando a qualidade e competitividade dos produtos.

Embora os APLs frequentemente sejam associados a avanços na cooperação de empresas e fortalecimento da economia, sua sustentação pode estar entrelaçada com a informalidade. Conforme abordado por Jacob Lima em “A globalização da precariedade: a informalidade em tempos de trabalho flexível” (2009), a informalidade foi incorporada na

estrutura das cadeias produtivas, que descentralizam a produção e tornam a subcontratação uma estratégia para reduzir custos. Trazendo para o contexto da cidade de Limeira, as trabalhadoras domiciliares cumprem esse papel, que sem direitos garantidos ou proteção trabalhista, são responsáveis por etapas essenciais da produção de semijoias. Permitindo que empresas formais mantenham uma mão de obra com custos baixos ao externalizar essa etapa do processo. Perpetuando assim precariedade do trabalho e evidenciando as contradições do sistema.

### **3. DINÂMICAS DE SUBCONTRATAÇÃO E CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE TRABALHO**

Como já foi caracterizado, o mercado de semijoias em Limeira passou por diversas mudanças ao longo dos anos. Em meados da década de 80, tornou-se possível observar o setor informal ganhando força, por meio da subcontratação de mulheres com o intuito de fabricar o excedente das fábricas em suas próprias casas, moldando assim as condições de trabalho dessa cadeia produtiva. Tal dinâmica, reflete não apenas a necessidade das empresas de expandir sua produção e elevar o mínimo possível dos custos, mas também evidencia a incorporação do capitalismo flexível, que privilegia a individualização das relações de trabalho e os riscos econômicos se tornam responsabilidade do próprio trabalhador (LIMA, 2010, p. 185-186).

Com as transformações produtivas e a globalização, como descrito por Araújo e Amorim (2002), a subcontratação apareceu como um elemento crucial das novas formas de trabalho. Motivada pela busca de redução de custos, mas também pela flexibilidade, sua popularidade aumentou, levando ao enfraquecimento das relações formais de emprego. Nesse novo modelo da cadeia produtiva, encontramos mulheres trabalhando em condições precarizadas, em suas próprias casas, realizando tarefa intensiva principalmente de mão-de-obra, como a confecção, no caso tratado no trabalho de Araújo e Amorim, mas também no caso da montagem das semijoias, que acontece em Limeira.

Nesse cenário, em que mulheres foram incorporadas à cadeia produtiva como trabalhadoras domiciliares, mostrando assim uma alternativa viável tanto para as empresas, que evitam custos trabalhistas associados à formalização, quanto para elas mesmas, que acabam se desdobrando entre as necessidades da casa e do trabalho. Este capítulo busca explorar dois eixos principais dessa dinâmica produtiva, evidenciados nas entrevistas realizadas: 1) a dinâmica da subcontratação e da informalidade e 2) as condições de trabalho enfrentadas por essas mulheres. Combinados, esses aspectos configuram as dificuldades e as formas como a precariedade se molda nas trajetórias profissionais e pessoais.

A subcontratação é sustentada nesse contexto, por uma lógica de desvalorizar o trabalho informal ou vinculá-lo muitas vezes à noção de empreendedorismo. Segundo Lima, a valorização do trabalho autônomo e flexível no Brasil foi intensificado por políticas públicas nos anos 90. Incentivando pequenos negócios e Arranjos Produtivos Locais (APLs), como aconteceu com Limeira. Porém, essa flexibilização é marcada por contradições: enquanto

trabalhadores autônomos afirmam preferir esse modelo, principalmente pela liberdade, eles sentem falta de direitos trabalhistas, como licença remunerada e previdência social, que estariam garantidos em trabalhos formais (LIMA, 2010, p. 187).

Além disso, como apontado por Angela Maria Carneiro Araújo (2011), é possível destacar que a informalidade não é apenas uma escolha ou uma característica apenas de populações periféricas, ela é uma peça essencial da cadeia produtiva. A subcontratação é um exemplo de como as empresas reduzem custos colocando trabalhadoras em situação de precariedade e vulnerabilidade, pois tira a responsabilidade dela de garantir proteção ou benefícios trabalhistas. Porém, o trabalho informal foi associado à ideia de empreendedorismo, que cria uma ilusão de autonomia, enquanto reforça a desigualdade que está ligada à estrutura trabalhista. Essa contradição entre liberdade e vulnerabilidade se faz presente nas falas de diversas entrevistadas para pesquisa, que associa sua ocupação à precariedade, mas a aceitam por ser uma alternativa viável.

Ao ouvir diversas mulheres explicando como funciona a relação dos pagamentos pelo seu trabalho, fica evidente que a lógica utilizada é por produtividade e não pela jornada de trabalho. Ou seja, quanto mais você produzir, mais você ganha. Diante desse cenário a desvalorização do trabalho se reforça, pois desconsidera o esforço e o tempo investido, tratando o trabalho como algo dependente do desempenho individual. Assim, essas mulheres se tornam mais vulneráveis em diversos aspectos, como a insegurança financeira, já que os ganhos dependem da capacidade produtiva, que pode ser alterada por fatores como saúde, desgaste físico ou até mesmo a demanda dos contratantes.

A presença de mulheres em ocupações como as trabalhadoras domiciliares de produção de joias em Limeira, não se faz à toa. Essa dinâmica se agrava pelo contexto cultural e social da mulher na sociedade. No Brasil, o trabalho informal foi frequentemente percebido como condição transitória ou estratégia de sobrevivência, especialmente para mulheres com filhos. Porém, essa transitoriedade tornou-se permanente em muitos casos, consolidando-se como a única opção para trabalhadoras em setores precarizados (LIMA, 2010, p. 186-187). A divisão social do trabalho, conforme analisada por Hirata e Kergoat, reforça como a figura da mulher foi associada ao espaço doméstico ao longo de anos, legitimando práticas que combinam cuidado e trabalho produtivo sem remuneração justa. Isso gera uma sobrecarga na mulher, destacada por Nadya Araujo Guimarães, que explora especificamente o trabalho dos cuidados que são vistos

como obrigação ou ajuda, e conseqüentemente não são pagos. Levando a desigualdades estruturais do mercado de trabalho, como abordadas por Márcia de Paula Leite, que busca compreender como essas trabalhadoras se tornam reféns do ciclo da informalidade e invisibilidade.

### **3.1 Condições de trabalho: Improvisando espaços e ferramentas**

Como evidenciado, Limeira se formou em torno do mercado de semi joias, e isso afetou a maneira de vida de muitos habitantes, há uma grande quantidade de trabalhadoras terceirizados na cidade, como iremos abordar adiante sobre mulheres que trabalham em casa de maneira informal, produzindo mercadorias muitas vezes em condições precárias.

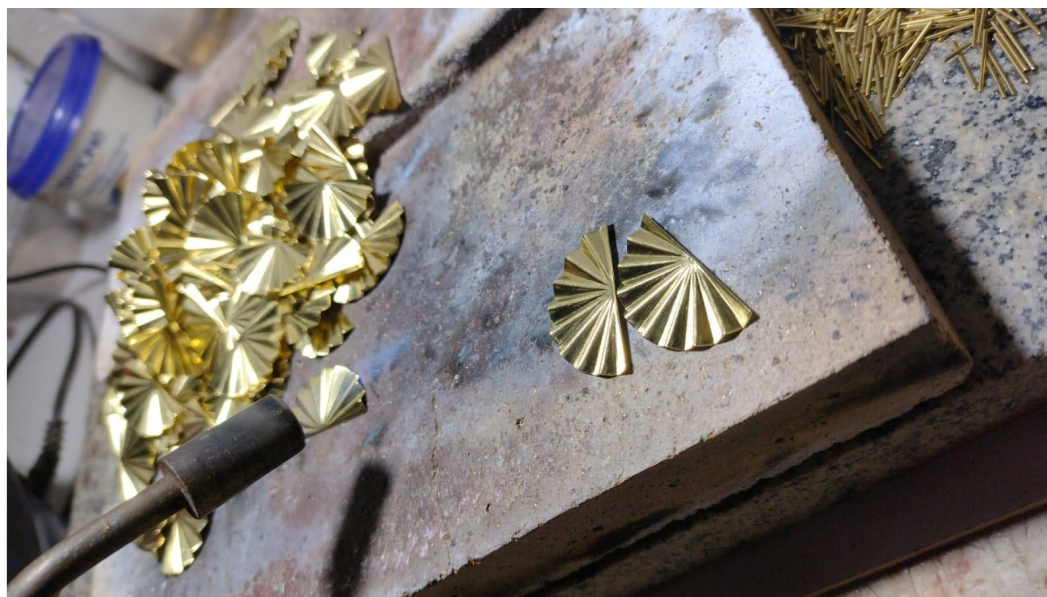
Ao entrevistar essas trabalhadoras foi colhido um dado interessante, onde elas relatam que era comum ver mulheres nas calçadas das casas fazendo peças, mostrando que isso também gerava uma rede de comunicação entre as trabalhadoras. Cotidianos muito parecidos, mesmo morando em bairros distantes uma das outras, apareceram nos relatos de duas entrevistadas. Rafaela, por exemplo, recorda que “a maioria das mulheres que ficava sentada na rua era fazendo uma montagem ou uma cravação no latão, essas coisas.” (Rafaela, 48), e na fala da Vitória é possível identificar que tal prática é algo corriqueiro, e comum ao olhar do limeirense, “Ah fia, aqui em Limeira, aonde você vai, você vê uma pessoa sentada na calçada, né? Com uma forminha, uma tabuinha ali, fazendo sua joia. Então aqui é normal.” (Vitória, 49).

Porém, outra percepção apontada pelas trabalhadoras, foi que essa prática tem diminuído nos últimos anos. Para elas, a rua se tornou um ambiente mais perigoso, limitando a presença das mulheres nas calçadas para realizar seu trabalho. Segundo Rafaela, “eu acho que não fica mais na rua devido o perigo que a rua tá se tornando” (Rafaela, 48). Tal percepção de insegurança reflete nas dinâmicas de trabalho e na convivência, podendo mostrar uma perda do espaço compartilhado que em anos anteriores trazia interações sociais e apoio entre as trabalhadoras. Os relatos demonstram como o trabalho informal adentrou as casas, e o cotidiano das famílias, principalmente de mulheres que fazem parte dessa dinâmica social que mistura os afazeres domésticos e o cuidado com o trabalho produtivo.

Para aproximar e explicar sobre as estações de trabalho, irei utilizar imagens que ilustram não só os ambientes, mas também os instrumentos, e se seguem por falas e explicações

das próprias entrevistas sobre sua ocupação. Tal análise, será essencial para descrever a realidade das trabalhadoras em um contexto de trabalho informal, domiciliar e com recursos limitados.

**Figura 1:** Processo de solda quente



Fonte: fotografia própria

A imagem mostra o maçarico, instrumento utilizado no processo da solda quente, ligado e pronto para começar a produzir peças que estão na bancada. Essa técnica, basicamente, junta uma peça à outra, por exemplo, à base de um brinco ao pino do mesmo. Utilizando maçarico a gás para aquecer a região a ser soldada em alta temperatura, tal prática é realizada na casa de Natália. Que descreve:

"É, que tem fogo. É maçarico, né? Tem que ter cuidado porque é gás também, tem que prestar muita atenção se não tá vazando tanto no bujão como no maçarico mesmo porque às vezes acontece que a mangueira tá furada ou mesmo a mangueira do maçarico estourar devido a pressão mas não é aquele bicho de sete cabeça não."  
(Natália, 57 anos).

Rodolfo Andrade de Gouveia Vilela e Marcos Antonio Libardi Ferreira (2008), que estruturam um trabalho voltado para área da saúde em relação a essa realidade limeirense,

descrevem:<sup>11</sup>

“No processo de soldagem são dois os tipos de solda, a solda a quente, que consiste em soldar com maçarico a gás, utilizando uma solda em pó (solda palha) e a solda a frio ou de fluxo (BRASTAK, 2005). O gás usado é o de cozinha (GLP) sendo freqüente a ocorrência de incêndios nas residências devido ao aquecimento do maçarico e à conseqüente queima das mangueiras, levando o fogo até o botijão, que queima em alta pressão, havendo ainda o risco de explosão.” (VILELA; FERREIRA, 2008, p. 187)

Sendo evidentemente perigoso, pois utiliza produtos inflamáveis e que deveriam ser devidamente verificados. Em outro momento, Natália conta que já trabalhou com mais pessoas dentro da mesma garagem, aumentando ainda mais os riscos de acidentes.

Eu tinha garagem, eu ponhava na garagem né porque era mais gente e tinha mais espaço, então ficava era quatro saída pra um maçarico e um ficava com um bujão só, no caso de cinco maçaricos no bujão é difícil né mas é de boa. (Natália, 57 anos).

Durante a pesquisa empírica, foi raro o contato com mulheres que trabalhavam com solda, em sua maioria elas faziam montagem, cravação ou colagem. Para estas tarefas algo que chamou atenção em diferentes casas, de trabalhadoras que nem se conheciam entre si, foi a presença de um instrumento improvisado. Consistia em um cabo de madeira com um parafuso no meio, como o da foto a seguir:

---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre os riscos e como a saúde pode ser afetada pela produção a domicílio ver Vilela e Ferreira (2018)

**Figura 2:** Instrumento de montagem improvisado para fechar argolinha



Fonte: fotografia própria

**Figura 3:** Alicates e instrumento improvisado para produção



Fonte: fotografia própria

Ao questionar sobre a utilização da ferramenta improvisada, elas contaram que é mais fácil para abrir e fechar argolinhas com esse “pauzinho”, como chamam, do que com dois alicates, tal como descrito por Verônica: “que a argolinha é dura, aí a gente... faz com o pauzinho, com um prego. Porque se não a gente quebra a unha né.” (Veronica, 40 anos). Essas adaptações

chamam a atenção, mostram um saber-fazer que vai além das ferramentas tradicionais. Desenvolvendo assim soluções práticas e acessíveis que facilitam a produção.

Essa prática vem de um “fazer” que é compartilhado, característico de trabalhos que se constroem coletivamente, mas circulam na informalidade. Como mencionado anteriormente, mesmo sem contato direto entre si, as mulheres compartilham práticas semelhantes, mostrando que esses saberes caminham em redes invisíveis de troca e interação.<sup>12</sup> Os instrumentos improvisados são para além de facilitadores na produção, são também símbolos das adaptações às condições precárias, refletindo práticas cotidianas que revelam conhecimentos técnicos e sociais, que favorecem à produtividade, mas que ficam invisíveis a quem não faz parte desse meio.

Ainda sobre a improvisação, quando encontrei com a Viviane, ela me mostrou mais de perto sobre a técnica que ela chama de “furo”. Utilizada geralmente para fazer terços, a técnica consiste em utilizar uma base de madeira com um prego no meio para aumentar um elo da corrente e as bolinhas ficarem presas, em espaços delimitados. Como na imagem a seguir:

**Figura 4:** Marcação na toalha de mesa para seguir o modelo

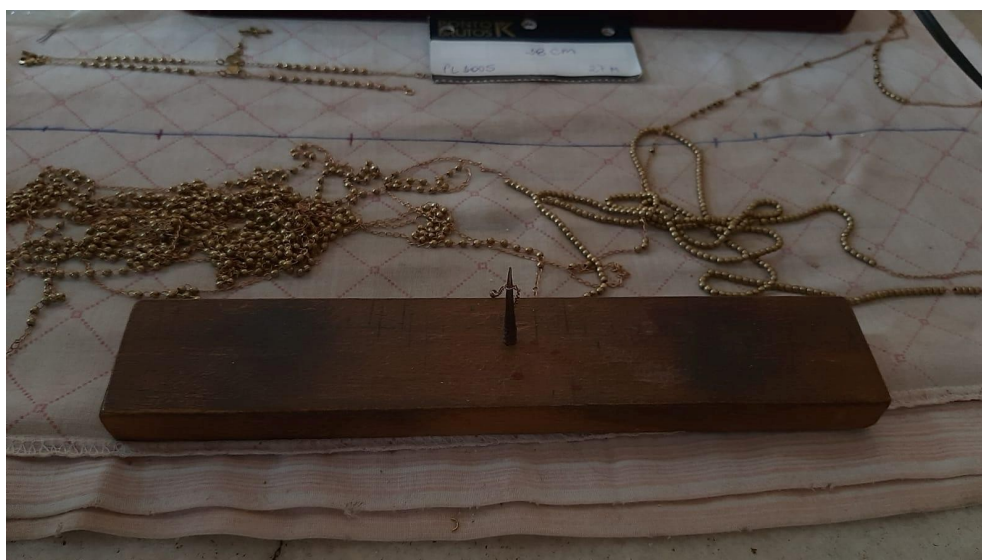


Fonte: fotografia própria

<sup>12</sup> Durante as entrevistas, foi perguntado como as mulheres aprenderam as técnicas de produção, e todas relataram ter aprendido com alguma amiga, vizinha ou parente que já fazia esse tipo de trabalho. Nenhuma mencionou ter participado de algum curso formal, o que reforça a ideia de que o saber circula de forma oral, prática e comunitária — muitas vezes invisível para quem está fora desse meio.

Outro aspecto de improvisação é a marcação feita à caneta na toalha de mesa, a partir da qual Viviane baseia o tamanho e o local que deve colocar a às bolinhas. No canto inferior direito da foto acima pode-se ver o modelo da pulseira que ela está fabricando.

**Figura 5:** Instrumento improvisado utilizado para técnica de furo



Fonte: fotografia própria

Nessa imagem aproximada, vemos o instrumento mencionado anteriormente. Ele consiste em uma base de madeira simples, onde é fixado um prego ao meio. Esse prego serve como suporte para posicionar as correntes durante o processo de produção. A corrente é encaixada no prego, que atua como uma marcação para segurar as bolinhas no lugar correto, facilitando a montagem dos itens de forma precisa. Ao questionar a trabalhadora sobre se ela tinha que ir fazendo um por um, ela me explica que sim, “Furando, um por um. Dependendo aí tem que ir lá, tem que cortar tá vendo. Aí vai furando e vai indo, aí depois tem que cortar, montar e assim vai”. Deixa evidente como é um trabalho repetitivo, minucioso, e que requer bastante atenção.

Também foi comum encontrar, como ilustrado na imagem abaixo, trabalhadoras que utilizam forma de bolo ou outros recipientes para colocar tudo o que vão usar na confecção de determinada peça, e assim trabalham sentadas no sofá assistindo televisão, com o recipiente no colo.

**Figura 6:** Forma utilizada para concentrar os materiais de trabalho



Fonte: fotografia própria

O uso da forma, que normalmente é utilizada para fazer bolo ou outros tipos de receitas, mostra essa fusão entre o ambiente doméstico e a produção. Também é possível notar o alicate, o “pauzinho” improvisado, saquinho com fecho, argolinhas, corrente e o modelo que ela segue. Olívia me mostrou passo a passo o processo, “Um que eu não comecei fazer ainda, eu tava só colocando fecho...” (Olívia, 53 anos). Enquanto eu acompanhei descrevendo na gravação: “Então você pega a correntinha, abre a argolinha, coloca o fecho. Ah e na outra ponta, põe aí a outra argolinha.”

Por fim, retratei em algumas fotografias mais gerais o local que elas utilizam para trabalhar, normalmente uma mesa. A primeira, na casa de Rafaela, com 48 anos, mãe e avó, que passa o dia com sua neta em casa enquanto trabalha, tem um espaço mais organizado, porém se queixou de ter que emprestar para o filho a mesa maior que costumava usar, pois ele começou em um emprego *home office*.

“É, às vezes o espaço... Incomoda um pouco. Porque eu tinha uma outra mesa aqui, que agora meu filho tá trabalhando... Home Office, ele trabalha duas vezes por semana, aí eu pus a mesa no quarto. Então aqui não tinha espaço, a outra mesa ia até ali.” (Rafaela, 48 anos)

Mostrando como é comum o ambiente delas serem mudados, ou colocados como menos prioridade aos outros, reforçando a ideia de ser um trabalho que pode nem ser visto como “trabalho de verdade”.

**Figura 7:** Mesa organizada com as peças e os instrumentos de colagem



Fonte: fotografia própria

A mesa da Rafaela, imagem acima, fica na sala, ao lado do sofá, mesmo colocando facilitadores de conforto como a extensão onde ela pode carregar o celular, ainda é possível identificar tampas de margarina ou de potes que são improvisadas para ajudar na produção. Na última figura, na casa da Viviane, é possível notar a presença de diversos elementos já tratados, a bandeja que pode ser colocada nas peças e levada ao colo para trabalhar enquanto assiste televisão. O “pauzinho” é improvisado para abrir e fechar argolinhas, facilitando a montagem das peças, alicates, grampos e grampeadores utilizados para embalar a mercadoria. E também calculadora, caderno de anotações que muitas vezes são onde as trabalhadoras controlam seus pagamentos, e a quantidade de serviço que entregaram.

**Figura 8:** Estação de trabalho com instrumentos e peças



Fonte: fotografia própria

As descrições e imagens apresentadas mostram como essas trabalhadoras e esse modelo de trabalho estão inseridos em um contexto de precariedade. Os ambientes e instrumentos adaptados, embora funcionem e ajudem na produção, não atendem aos critérios mínimos de segurança e conforto. A precariedade reforça as características já discutidas sobre a informalidade e desvalorização do trabalho. Aspectos que ficarão mais evidentes no próximo capítulo sobre as questões de gênero que permeiam esse espaço, destacando a trajetória das mulheres que atuam no setor.

#### **4. GÊNERO E TRABALHO: A TRAJETÓRIA FEMININA NA PRODUÇÃO DOMICILIAR DE SEMIJOIAS**

Como já identificado nos capítulos anteriores, a questão do gênero é central na discussão, não podendo ser vista como normal e sim levada em consideração de maneira crítica e estrutural da sociedade patriarcal. O trabalho domiciliar de maneira geral é permeado por questões de gênero que moldam a trajetória e escolhas de mulheres. A maioria das entrevistadas relata, por exemplo, que suas experiências de trabalho estão diretamente ligadas a momentos chaves como casamento e a maternidade. Dessa forma, suas escolhas por trabalhar em casa, não se dão apenas por mera conveniência, mas refletem dinâmicas sociais históricas que atribuem às mulheres a responsabilidade do cuidado doméstico e o trabalho flexível se encaixando nessa realidade. Assim, tal forma de ocupação se torna viável, apresentada como solução, permitindo equilibrar demandas, porém causam desgaste por mascarar a jornada dupla de trabalho e a desvalorização deles.

Os relatos coletados mostram como a divisão sexual do trabalho está completamente vinculada ao trabalho domiciliar, pois as responsabilidades domésticas e familiares se tornam predominantemente na ocupação das mulheres. Como colocado na fala de Viviane:

Ah tem que tentar conciliar, as vezes eu deixo pra limpar a casa mais no fim da tarde. Tipo na hora do almoço que eu vou mexendo com a comida que eu paro, vou arrumando os quartos, aí umas quatro, quatro e pouquinho, venho e passo um pano na casa. É bom, porque aí eu consigo cuidar da casa, dos filhos, vou mantendo, né.  
(Viviane, 41 anos)

Viviane mostra como a flexibilidade é vista como um dos principais motivos para ingressar nesse setor, mas na prática ela vive uma jornada de trabalho extensa e fragmentada. As demandas do cuidado e a produção de mercadorias acabam se entrelaçando de maneira imprecisa, dificultando a separação entre o tempo do trabalho e as tarefas domésticas, intensificando a sensação de sobrecarga.

Outro fator recorrente mencionado são as proibições impostas pelos maridos, que restringiram suas esposas de trabalhar fora, a partir do casamento. A trajetória de Olívia, outra produtora de semijoias, deixa evidente como sua situação e de muitas dessas mulheres é consequência direta

das decisões que os maridos tomaram por elas. Os relatos de Olívia explicitam como as proibições do marido moldaram sua relação com o trabalho, mas também como o cuidado, mascarado como um papel exclusivo da mulher, se entrelaça com a precariedade do trabalho produtivo doméstico.

Olivia tem 53 anos, porém tem uma aparência de mais velha, nasceu na Bahia, e se queixa de muita saudade de sua cidade natal, mudou para Iracemápolis (cidade vizinha de Limeira), pois o marido trabalhava em uma fábrica nas redondezas. Ela fala que, após o casamento, ela nunca trabalhou fora pois o marido não deixava: "Ele [o marido] nunca deixou eu trabalhar".

Ao decorrer da entrevista ela conta que essa condição foi temporariamente flexibilizada, quando seu marido ficou impossibilitado de trabalhar. Porém, essa nova realidade foi permitida apenas por alguns meses, e sob condições específicas, como explica:

Ele, quando ele acidentou na firma... que ele trabalhava na máquina, ai a máquina... ele foi limpar a máquina, eu não sei o que que eles chama lá que ele tava com o pé, o rolo, aí o rolo desceu o pé dele, o rolo, sei lá como é que eles fala (risos) Aí o pé dele desceu, no que o pé dele desceu, travou a máquina assim, ai quebrou o tornozelo, aí até ele entrar no INSS certinho pra começar a receber, eu trabalhei, ele *deixou* eu trabalhar, 6 meses. (Olívia, 53 anos)

A própria tranquilidade ao declarar que o marido a “deixou” trabalhar evidencia a relação de submissão na qual está inserida, reforçando também a responsabilidade naturalizada do cuidado do lar como atribuição feminina. E ao continuar falando sobre a experiência de “trabalhar fora”, relembra que até mesmo recebeu proposta de ser registrada, o que seria (e ainda é) uma conquista, podendo trazer segurança e autonomia para ela. Porém, mais uma vez, seu marido barrou sua decisão.

E daí, ele ficou, eu fiquei seis meses é que a menina queria registrar eu, mas ele falou: Não, não precisa nem registrar, porque tu vai ficar trabalhando até eu, sair meu pagamento, quando sair meu pagamento você vai parar, eu não tenho muié pra trabalhar, eu tenho muié pra cuidar dos meus filho. (risos) Aí eu disse “tá bom”, aí fiquei seis meses, aí o pagamento dele saiu, e ele tirou eu mesmo do serviço. (Olívia, 53 anos)

Hoje, Olívia, se emociona ao contar que o marido faleceu, e chega a ter meses que falta dinheiro para comprar comida e pagar o aluguel. Ela comenta que recebe uma pensão do marido, e isso ajuda na renda da casa, mas que a joia é essencial para se manter em Limeira, se não fosse pela combinação das duas rendas ela já teria voltado para sua cidade natal no Nordeste. Também comenta que tenta ao máximo ficar, por conta dos filhos, que se estabeleceram na cidade e ela não quer deixá-los. Mesmo com todas as dificuldades, Olívia tem falas que mostram como essa dinâmica de flexibilidade, precariedade e jornada dupla conseguem se esconder, como, por exemplo, ao dizer “nunca trabalhei”:

Ai, e ai... eu num sei né, porque eu nunca trabalhei, afinal eu nem sei responder né, é que se eu tivesse um outro servicinho, sem ser a joia, eu sei que seria melhor né. Porque o salarinho seria mais um pouquinho, e me ajudava mais um pouco. Mas nem por isso, eu faço a joia pouquinho que eu vou reclamar, porque foi essa que Deus me deu até agora então eu vou passando com ela."

Olívia percebe o trabalho com a joia como algo menor, nem o tratando como “trabalho de verdade”. Ao falar sobre sua rotina, ela comenta que mesmo os filhos (homens) sendo adultos, ela acorda às 4 da manhã para fazer o café para eles irem trabalhar, e depois perde o sono e já começa na joia, ou seja, o cuidado ainda permanece mesmo com os filhos adultos, mantendo a mãe ocupada com os afazeres da casa e o trabalho produtivo.

Discutindo a relação entre gênero e cuidado, (Guimarães, 2024), afirma que “o cuidado tem múltiplas faces, facetas ou formas de aparecer com relação na vida em sociedade”.

O cuidado pode ser provido, e percebido, como algo que “nada mais é que ” uma “obrigação”. Ora, por ser assim percebido e nomeado, o trabalho que se performa resulta invisível, naturalizado ao se transmutar no desempenho de um papel social compulsório, pelo qual não se paga, ou que se paga com recompensa afetiva, com “amor”. Ademais, embora se trate de uma obrigação, há que ter em conta que esta é seletiva — pesa nos ombros das mulheres, tal como a literatura, em todos os quadrantes, tem se encarregado de demonstrar (ILO, 2018). Tais obrigações marcam o cotidiano não apenas das “esposas” (companheiras e/ou mães), mas também das “meninas” (filhas, irmãs, sobrinhas, netas, “crias da casa”) e das “avós” — fazendo-o

de um modo ainda mais intenso quando essas são mulheres negras, tal como fartamente documentado no Brasil (Pinheiro; Tokarski & Posthuma, 2021).”  
(GUIMARÃES, 2024, p. 4-22)

Complementando assim a discussão, ao explorar o conceito de “carga invisível” que recai sobre as mulheres. A literatura sobre gênero evidencia como o cuidado é percebido como extensão natural do papel feminino, sendo considerado até mesmo como invisível, e não considerado trabalho. Tendo também uma dimensão geracional, onde gerações de mulheres mais velhas estavam submetidas exclusivamente ao ambiente doméstico, as mulheres da geração atual, mais independente e que tem uma “profissão”, ainda assim não estão livres do trabalho do cuidado, acumulando jornadas.

A literatura destaca como a relação entre gênero e cuidado reforça as desigualdades. Vinculando cuidado a uma prática natural feminina, e como as estruturas da sociedade legítima a exploração do trabalho doméstico e informal. Como Nadya Guimarães evidencia em seu trabalho, a flexibilização do trabalho domiciliar não elimina a carga do cuidado. Mas alimenta o mecanismo para que mulheres continuem assumindo diversas funções sem reconhecimento ou apoio.

Mostrando, como na história de Olívia, que o cuidado sendo uma “obrigação” recai seletivamente sobre as mulheres. Desde o início, quando seu marido a impede de trabalhar fora de casa, essa vivência demonstra como esse papel foi naturalizado e imposto a ela, deixando de lado sua autonomia e possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Mesmo no momento em que ele “permite” que ela trabalhe, ela realiza isso em um regime muito rígido, com prazos e condições, reafirmando que o lugar dela seria em casa, cuidando e realizando tarefas domésticas.

Além disso, quando seu marido faleceu e Olívia se viu tendo que fazer algo produtivo para complementar a renda da casa, fica evidente como a flexibilização do trabalho domiciliar reforça a invisibilidade da sobrecarga feminina, pois mesmo trabalhando, ela ainda é a responsável pelas tarefas da casa e do cuidado dos filhos, mesmo eles já sendo adultos. Refletindo assim, a discussão de Nadya Guimarães, sobre como o cuidado é visto como natural quando feito por mulheres. Portanto, a flexibilidade que o trabalho a domicílio traz, não alivia a sobrecarga feminina, ele a legitima, mantendo essas mulheres em condições de vulnerabilidade e subordinação estrutural.

#### 4.1 Entre a invisibilidade e o valor: Percepções sobre o trabalho

As percepções das trabalhadoras domiciliares do mercado de semijoias revelam uma complexa relação entre valorização do trabalho e invisibilidade. Valorização, pois, apesar de visto como um trabalho menor, muitas não se veem fazendo outra coisa, e relatam uma sensação de que elas mesmas adquirem valor social ao serem produtivas. Por outro lado, a ideia de invisibilidade é muito marcante em suas próprias falas, presente na própria percepção de que esse não seria um “trabalho de verdade”, ou que é apenas um complemento da renda, um “dinheirinho”. A partir dos relatos, temos essa visão dual, constituída tanto por certa autonomia que o trabalho proporciona, quanto pelas limitações e ausência de regulamentações, que o torna vulnerável e precário. Essa seção tem como intuito explorar as narrativas, destacando como essas mulheres entendem o valor de seu trabalho e lidam com as contradições de suas trajetórias.

Ao questionar sobre as percepções do trabalho, Rafaela, casada, mãe de dois filhos adultos, atualmente trabalha com joia e cuida da neta durante a tarde. O primeiro ponto a ser notado no dia a dia dela, seria esse cuidado com a neta, entendido como ajuda, descrito por Nadya Guimarães (2020) em seu trabalho. Diferente do cuidado por “obrigação”, que acaba sendo imposto às mulheres, o cuidado como “ajuda” aparece em relações de apoio a outros membros da família. No caso de Rafaela, mesmo ela sendo responsável por esse cuidado, que consequentemente deixa seu filho livre para trabalhar sem carga extra de cuidar de sua filha, essa ocupação acaba sendo invisibilizada, não sendo reconhecida como trabalho, apenas como “ajuda”. E mais uma vez, soma demandas para a figura feminina, que se desdobra entre os favores e ajudas, trabalho doméstico e produtivo, todos acontecendo no mesmo ambiente.

Outro ponto da entrevista de Rafaela, é que ela evidencia a questão dos direitos e da ausência da proteção social no trabalho domiciliar. Aprofundando a vulnerabilidade das mulheres que muitas vezes são submetidas a condições de trabalho não reconhecidas ou valorizadas como em uma atividade formal.

Então, quando eu trabalhava não existia isso. (benefícios como VA, VR...) Não existia. Mas eu converso bastante com o meu esposo e eu falo pra ele que, em uma parte, eu me arrependo de não ter ido trabalhar pra fora, porque eu ia ter um registro,

eu ia ter uma garantia. Porque aí você tem um convênio médico, você tem o VR, 13º e eu não tenho nada disso, né? (Rafaela, 48 anos)

Outras veem a lógica do trabalho pago por produção, que intensifica a jornada de trabalho, como um motor para se manter motivadas, como Silvia deixa claro em sua fala:

É, porque aí vai ser produção, né? Você ganha o quanto mais você faz, mais você ganha. Aí já dá mais ânimo, né? Porque aí você fica... Ah, esse mês eu quero tirar um pouquinho mais. Se vem mais serviço, você fica animado. Porque fala, oh, esse mês vai dar melhor, né? Porque eu trabalhei mais, vai dar mais. (Silvia, 60 anos)

Porém, ao ser questionada sobre a quantidade de horas que passa trabalhando diz que “eu fico bastante tempo, hein? Eu acho que umas 10 horas ou mais.”, mostrando que ao fazer o cálculo de quantidade de horas, o salário gira em torno de 600 a 800 reais, valor esse que não alcança sequer um salário mínimo (R\$1.518,00 em 2025). Essa desvalorização reforça como o trabalho informal se torna algo menor, visto como apenas complemento de renda, ou um “quase trabalho”, não sendo visto pela família ou pela sociedade geral, como uma ocupação principal. Como discutido por Nadya Guimarães, é comum essa narrativa quando se trata de trabalhos, principalmente, feito por mulheres em contexto de vulnerabilidade, ganhando visibilidade apenas como algo natural ou secundário.

A situação se complica ainda mais, ao perceber em suas falas como muitas olham para sua ocupação como um *hobbie*, ou uma “ocupação para cabeça”, desvalorizando-a sua própria ocupação, que em alguns casos, é o que mantém as contas da casa em dia, e que sustenta a cadeia produtiva de semijoias na cidade de Limeira.

Pra mim com certeza, porque eu sou muito ansiosa, eu sou um pouco depressiva, então aquilo ali me distrai muito, sabe? Você fica focado ali naquelas peças, aí distrai você, tem hora que dá uma peça de alguma zica e você briga um pouco sozinha mesmo com as peças, mas é divertido. (Natália, 57 anos)

A ocupação, também pode ser vista como colocada por Rafaela, a mesma que se questionou sobre os direitos trabalhistas, apenas como uma renda extra para ter uma sensação de independência. Ela conta sobre sua motivação para começar com a joia, "Aí eu queria ter

meu dinheirinho, não que ele deixasse faltar... Ele não deixava faltar nada, mas eu queria ter o meu. " (Rafaela, 48 anos).

Os termos no diminutivo, como “dinheirinho”, e “rendinha extra”, frequentemente usados pelas trabalhadoras, refletem uma percepção social que o trabalho domiciliar é secundário ou complementar, e não uma atividade econômica principal. Essa visão se torna inconsistente com algumas ações no ambiente doméstico, como por exemplo, na própria vivência de Rafaela que conta como usava o dinheiro da joia para adquirir bens essenciais, como móveis para casa, evidenciando que mesmo sendo tratado como “menor”, esse trabalho tem papel crucial na sustentação do lar. Porém, a ideia de “dinheirinho” não é construída apenas pelo meio exterior, mas também dentro da própria dinâmica familiar.

Rafaela também conta em outro momento que cedeu sua mesa de trabalho, que era maior e melhor, para seu filho que tem um “trabalho de verdade”, ficando então com uma nova mesa que não atende suas necessidades. Essa percepção contribui ativamente para reforçar a invisibilidade e a precariedade, pois ao tratar o trabalho como “menor”, as demandas por direitos trabalhistas se tornam ainda mais distantes. Fazendo com que as próprias trabalhadoras não se vejam com um trabalho pleno, o que dificulta a reivindicação de melhores condições e direitos. A falta da estrutura formal impede a estabilidade financeira das trabalhadoras, fazendo com que elas fiquem presas na produção contínua para garantir o mínimo para sobreviver, mantendo-as em um ciclo contínuo de insegurança econômica.

Porém, para muitas, essa é a única alternativa viável, considerando barreiras para acessar o mercado de trabalho formal, como cuidados com a casa, filhos e marido. A flexibilidade é vista por elas como uma possibilidade de conciliar essas atividades, reforçando o papel social da mulher. Por isso, também é observado que uma grande parcela das trabalhadoras é de uma faixa etária mais avançada, associando assim a diversos fatores, que vão da dificuldade de anos anteriores da mulher se inserir no mercado até mesmo à necessidade de permissão dos maridos de deixar a mulher sair de casa.

Daniele tem hoje 55 anos, é casada e não tem filhos, conta como sua trajetória foi marcada pela barreira do casamento "Não, que daí eu era solteira, eu trabalhava, aí eu casei, parei de trabalhar, ai pra ficar a toa dentro de casa, comecei a entrar em depressão, aí eu vi o pessoal fazendo, eu comecei também." (Daniele, 55 anos).

Elas demonstram que a motivação é tanto financeira quanto emocional, onde o trabalho contribui para autoestima e independência. Por um lado, o trabalho cumpre um papel simbólico, por serem mais velhas não se sentem mais capazes de adentrar no mercado formal, que por sua vez, privilegia a juventude e habilidade atualizadas, sendo a jóia, mesmo que marcada por condições precárias, uma saída para se sentirem útil. Por outro lado, o trabalho oferece uma fonte de renda, mesmo que complementar, mas que ajuda a sustentar as despesas básicas da família ou contribui para autonomia dentro do núcleo familiar.

Nesse contexto, a produção de semi jóias, mesmo que marcada pelas diversas problematizações colocadas anteriormente, se torna viável pois atende tanto às necessidades econômicas quanto ao desejo de se sentirem ativas e relevantes socialmente. Quando naturalizamos a precariedade como condição inevitável, as trabalhadoras acabam submetidas a um ciclo de insegurança financeira e invisibilidade, perpetuando assim as desigualdades estruturais da sociedade. Ainda que algumas mostrem em suas narrativas serem resilientes, se adaptando aos desafios, e buscando certo reconhecimento, a elas ainda são impostas limitações na cadeia produtiva por seus papéis sociais de mulheres, esposas e mães.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que o mercado de semijoias em Limeira é moldado pela sua história envolvendo crises e adaptações durante as décadas, indo do trabalho especializado do ourives até o aparecimento da semijoias se tornando tão forte no mercado que deu para a cidade a título de Capital Nacional da Joia Folheada. Com a consolidação desse polo de produção e o estabelecimento da cidade como um APL, trouxe um fortalecimento para o mercado local, aumentando até mesmo as importações, porém isso não se traduziu em melhorias significativas para alguns setores da produção. Como é o caso das mulheres entrevistadas na pesquisa, foi notado que o APL reforçou a exploração dessas trabalhadoras, privilegiando redução de custos e flexibilidade, que por sua vez se mantém às custas da precariedade e insegurança do trabalho. Ao explorar as dinâmicas da informalidade e subcontratação, fica nítido como essas práticas moldam as condições de trabalho. A subcontratação apresenta-se como uma alternativa viável para os dois lados, das empresas (que irão reduzir seus custos de regularização trabalhista) e para as trabalhadoras (que veem uma forma de conciliar trabalho produtivo com trabalho doméstico). Porém ao transferir custos e riscos para as trabalhadoras, reforça sua vulnerabilidade social e econômica. A lógica de pagamento por produtividade também é um fator determinante da precarização, inviabilizando a importância desse trabalho. Foi relatado por algumas entrevistadas a ausência de direitos básicos, como previdência social ou licença remunerada, mas por outro lado elas dão importância para a flexibilidade do trabalho em casa, revelando a contradição entre vulnerabilidade e liberdade.

Essa realidade também se fortalece pelos discursos delas mesmas, que tratam o trabalho como “complementar” ou “menor”, impedindo assim seu próprio reconhecimento como agente necessário da cadeia produtiva. A relação entre informalidade e subcontratação reforça uma estrutura produtiva que se beneficia da desregulamentação e fragmentação das relações de trabalho. Essas mudanças não refletem apenas sobre o mercado local, mas é também um espelho das transformações do capitalismo contemporâneo, que une flexibilização com a intensificação das desigualdades no âmbito do trabalho.

Essas questões ao serem analisadas sob as análises de gênero e divisão social do trabalho, desempenham um papel central na compreensão das vivências e perspectivas das trabalhadoras. Como evidenciado nas entrevistas e na literatura, o cuidado é tratado como obrigação ou ajuda,

e naturalizado para as mulheres, sendo corriqueiramente invisibilidade enquanto trabalho. Porém essa carga invisível pesa, e a sobreposição entre trabalho produtivo e cuidado do espaço doméstico, cria uma dupla jornada de trabalho fortalecendo as desigualdades de gênero. Os relatos das mulheres entrevistadas, demonstram em muitos aspectos como o mercado informal explora a flexibilidade para reforçar essas desigualdades. A ideia de que esse modelo oferece “liberdade” não reconhece que ela é acompanhada de condições precárias e insegurança econômica.

Por fim, o estudo analisou como a dinâmica do mercado produtivo de semijoias em Limeira é marcado pela informalidade, subcontratação e precariedade, refletindo assim as transformações do capitalismo contemporâneo e suas implicações no trabalho domiciliar feminino. Essas práticas não apenas sustentam a competitividade utilizando a desregulamentação, como aprofundam desigualdades estruturais ao transferir riscos e custos para as trabalhadoras. Apesar das mulheres serem pilares essenciais da produção, sua ocupação sofre uma constante desvalorização, dificultando ainda mais a luta por direitos e conquistas de melhores condições. Portanto, é necessário evidenciar que essa realidade demanda não apenas reflexões críticas, mas também ações que promovam o reconhecimento e valorização do trabalho informal. Assegurando assim, mais proteção social e melhorias nos ambientes e condições de trabalho, pois essas trabalhadoras, muitas vezes estão carregando o peso de uma grande produção em meio a invisibilidade e vulnerabilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas. *Cadernos Pagu*, p. 267-310, 2002.
- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. O trabalho flexível e a informalidade reconfigurada. *Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho: das origens às novas abordagens*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 161-190, 2011.
- DERRIDA, J.; PAES, M. L. Arranjo Produtivo Local (APL). *DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES DA MEMÓRIA SOCIAL, DOS BENS CULTURAIS*, p. 18.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. A “Crise do Cuidado” e os cuidados na crise: refletindo a partir da experiência brasileira. *Sociologia & Antropologia*, v. 14, p. e 230050, 2024.
- HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo. *Limeira: Capital nacional da joia folheada*. Unigráfica Indústria Gráfica Ltda, 2021.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.
- LIMA, Jacob Carlos. A globalização da precariedade: a informalidade em tempos de trabalho flexível. *Retratos do trabalho no Brasil*. Uberlândia, Edufu, p. 37-62, 2009.
- LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho?. *Sociologias*, v. 12, p. 158-198, 2010.
- LEITE, Márcia De Paula. Gênero e trabalho no Brasil: os desafios da desigualdade. *Revista de Ciências do Trabalho*, São Paulo, n. 6, p. 44-58, 2015.
- MACHADO, C. et al. Cooperação entre Empresas na Cadeia Produtiva. *Revista Gestão & Conexões*, v. 12, n. 1, p. 8–26, 21 mar. 2023.
- PREFEITURA DE LIMEIRA. Limeira, Capital Nacional da Joia Folheada - Uma história contada por seus protagonistas. YouTube, 23 de novembro de 2018. 47min51s. Disponível em: [Limeira, Capital Nacional da Joia Folheada - Uma história contada por seus protagonistas](#). Acesso em: 31/01/2024.
- RANGEL, Felipe. O trabalho informal no comércio popular: ressignificando práticas na nova cultura do trabalho. 2015.
- REQUENA, Wendie Aparecida Piccinini. O papel do APL de jóias e bijuterias no desenvolvimento urbano de Limeira - SP. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- VILELA, Rodolfo Andrade de Gouveia; FERREIRA, Marcos Antonio Libardi. Nem tudo brilha na produção de jóias de Limeira-SP. *Production*, v. 18, p. 183-194, 2008.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.